

# O Ideal do Ego e as Paixões

Artigo

**Marília Amaro da Silveira Modesto Santos**

Membro Filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo mostrar a ligação entre o narcisismo e o superego remontando à origem e aos diversos caminhos que o narcisismo pode tomar e o quanto esses caminhos são determinantes na formação de um superego cruel ou protetor. Partindo do trajeto que Freud seguiu para definir o conceito de superego e utilizando alguns autores pós freudianos, como por exemplo Chasseguet Smirguel, percorro um pouco a história do senhor B que foi vivenciada nas sessões de análise.

**Palavras-chave:** Ideal do Ego. Narcisismo. Superego.

Quando narciso morreu, o lago de seu prazer transformou-se de receptáculo de águas doces em poço de lágrimas salgadas, e as Orédeas vieram chorando pelo bosque cantar para o lago para dar-lhe conforto; e disseram: – Não nos admiramos de que chores desta maneira por Narciso, tão belo era ele. – Mas Narciso era belo? – perguntou o lago – Quem saberia melhor do que tu? – responderam as Oréades. – Ele deitava-se às tuas margens e fitava-te, e no espelho de tuas águas admirava sua própria beleza. E o lago respondeu: – Mas eu amava Narciso porque, quando ele se deitava em minhas margens e olhava para mim, no espelho de seus olhos eu sempre via a minha própria beleza refletida.

(Oscar Wilde – O Discípulo)

O que acontece com os estados de amor e paixão da alma humana quando esta é assolada por sentimentos de ódio, rancor, desespero?

A palavra paixão vem do latim. Enquanto substantivo, *passione* indica uma agonia intensa e prolongada. Enquanto verbo, *patior*, significa sofrer (FERREIRA, 1995, p. 101).

Seria sofrer por amor? Por quê?

Se são estes estados envolventes de paixão que impulsionam o mundo, a criatividade, a perpetuação da humanidade, o que leva muitas vezes tais estados a serem entrecortados por críticas impiedosas, severas auto-recriminações, gra-



ves melancolias, relações sadomasoquistas, que deixam o sujeito aprisionado em um *pântano* de lamúrias e desesperanças?

Certa vez ouvi uma frase de um autor desconhecido que dizia o seguinte: *Apaixonar-se é enamorar-se pela igualdade; amar é poder se apaixonar pelas diferenças.*

Seria então a paixão o abrigo de Eros e Thanatos vivendo em uma luta constante? Enquanto Eros luta pelo amor do outro, Thanatos impede este amor para não perder o encantamento por si mesmo?

Os romances, mitos e até mesmo os contos de fadas nos contam histórias em que o amor e ódio permeiam toda a trama do enredo. Por exemplo:

Em 1605, William Sheakspeare escreveu a peça *O rei Lear* inspirado em antigas lendas britânicas. A peça trata da saga familiar de um idoso rei da Bretanha e suas três filhas: Goneril, Regan, e a favorita Cordélia. O rei, ao dividir os bens, pede às filhas que expressem a gratidão e o amor que sentem por ele. Goneril e Regan afirmam que o amam mais que tudo na vida, mas justo a sua filha favorita, Cordélia, afirma que o ama simplesmente como uma filha, nada mais, nada menos. Lear, extremamente ofendido, a deserda e a expulsa do reino. Mas as três filhas se unem contra o pai, recusando-se a recebê-lo em suas casas. Lear, já mostrando sinais de loucura, refugia-se em uma cabana, acabando completamente louco. Mas a trama não para por aí. Regan morre envenenada por Goneril na disputa de um mesmo amor, matando-se em seguida. Cordélia e Lear são condenados à força pelo chefe do exército inglês. Lear, que já tinha se arrependido do que fez com a filha, tenta em vão salvá-la. Ele consegue matar o carrasco, mas morre em seguida com Cordélia em seus braços.

Muitos anos depois, em 1985, Akira Kurosawa fez o filme *Ran: os senhores da guerra* baseado na história do rei Lear. A história trata de um senhor feudal de 70 anos, Hidetora, que decide dividir o reino entre seus três filhos: Taro, Jiro e Saburo. Taro, o mais velho, seguindo a tradição do patriarcado japonês, torna-se o líder do clã e recebe o primeiro castelo, centro do poder. Jiro e Saburo recebem, respectivamente, o segundo e o terceiro castelo. Mas Hidetora retém para si o título de *grande senhor* para permanecer com os privilégios, sem se responsabilizar com os deveres do cargo. Nos planos de Hidetora, Jiro e Saburo dariam apoio a Taro e os três, unidos, manteriam as conquistas da família. Saburo contraria a ideia de seu pai, mas Hidetora segue adiante com a decisão e o que ele vivencia é a destruição de sua família, a derrocada do poder e a violência descontrolada que atingiu a todos. Ao presenciar o massacre que provocou, Hidetora enlouquece e vaga pelas ruínas como um fantasma. Saburo e Hidetora reconciliam-se em vida, mas

ambos morrem quando faziam planos para desfrutar de uma convivência pacífica.

Vimos nestas duas histórias a luta entre Eros e Thanatos. Ambas têm como personagem principal um *grande senhor* que não aceita perder os privilégios – o rei Lear, obrigando as suas filhas a recebê-lo em suas casas, mesmo quando elas já estavam morando com os seus esposos. Hidedora se recusa a perder os privilégios de rei, exige permanecer o *senhor do castelo*. O reino (falo) não pode ser dividido entre os filhos, não há renúncia.

O que me fez lembrar destas histórias foi a intensa lembrança delas enquanto atendia o senhor B. Era como se o mundo mental dele fosse habitado por esses personagens.

Trata-se de um senhor de 46 anos que me procurou devido a uma depressão profunda. Atualmente ele está passando por um processo de separação litigiosa. Tem dois filhos adolescentes. Quanto a sua família de origem, eram três irmãos. O senhor B é o filho do meio. O mais novo morreu com 17 anos no fundo de uma piscina porque ao treinar apneia (devido a um curso de mergulho) acabou pegando no sono. A família tinha uma holding. Eram três empresas. O senhor B trabalhava em uma delas, o pai em outra e o irmão mais velho em outra. As empresas que o irmão e o pai tomavam conta faliram, o que fez com que eles fossem trabalhar com o senhor B, a contra gosto deste. As brigas entre os três (porque o irmão não trabalhava e o pai defendia o irmão) foram ficando insupportáveis. Chegavam a rolar os três pelo chão. O senhor B disse ao pai que se o irmão não saísse da empresa ele sairia. Como o irmão não quis sair, o senhor B decidiu vender as cotas dele e com o dinheiro montar uma nova empresa. Segundo o senhor B, a irmã da ex-esposa, por trabalhar no fórum, manipula o processo da separação fazendo com que a juíza decreta um valor de pensão completamente fora da sua remuneração atual. Por ele não ter este dinheiro já foi preso uma vez. Mais tarde o pai e o irmão decidiram não pagar as cotas enquanto não saísse a separação pelo fato dos bens dele estarem bloqueados devido ao litígio. Por este motivo, o senhor B corre o risco de ser preso novamente.

O que vimos nessas três histórias foi um ego aprisionado em seu próprio narcisismo – *eu sou o objeto de minha própria admiração*. Assim como Narciso, o irmão caçula do senhor B morreu *dragado pelas águas do seu mergulho autônomo*. Nesse estado não há lugar para o outro, não há lugar para o filho. O senhor B contou: *O meu pai sempre me criticava, para ele tudo o que eu fazia era errado. Um dia ele me deu uma pipa, eu fiquei muito feliz e saí correndo com ela para mostrar e brincar com os meus amigos na rua. Um amigo meu furou a pipa. Quando eu entrei em casa com a pipa furada o meu pai acabou comigo. Outra vez ele me deu um caminhãozinho. Eu era*



*muito curioso, queria saber como se montava um caminhão, então eu o desmontei. Ele arrasou comigo novamente. A única vez que o meu pai me elogiou foi quando eu levei minhas amigas da faculdade para casa. Elas eram muito bonitas. Aí eu comecei a namorar uma delas e o meu pai deu em cima da minha namorada.*

É como se para o pai do senhor B não existisse a interdição ao incesto. Preso em seu amor edípico, fixado na posição do *eu posso ser como o meu pai*, antes do *você não pode fazer tudo o que ele faz; algumas coisas permanecem reservadas a ele*, transformou-se mais tarde em: *Eu posso ter tudo o que o meu filho tem; nada é reservado a ele – Eu furto a sua namorada, eu furto a sua empresa.*

Nestas histórias, na luta entre Eros e Thanatos, a pulsão de morte triunfou. A rivalidade não se transformou em amor. A sublimação fracassou. O pai do senhor B não conseguiu ser criativo o suficiente para fazer as suas empresas progredirem, todas fracassaram. A figura de autoridade não interditou, ao contrário, burlou a lei. O proibido se transformou em sadismo, rivalidades excessivas, desintegração e morte. Regan acabou morrendo envenenada por Goneril pela disputa de um mesmo amor, matando-se em seguida. O senhor B não falou mais com o pai e o irmão. Disse o senhor B em determinada sessão: *Nós três brigávamos até rolarmos no chão.*

Já Cordélia e Saburo podem estar representando o alcance da elaboração edípica. Cordélia declara ao pai que o ama como uma filha deve amá-lo, nada mais, nada menos. Saburo, por sua vez, pode contrariar o pai e depois perdoá-lo, só que mesmo assim ambos sucumbem à morte. O que pode ter acontecido nesses casos? O que houve com o curso natural do desenvolvimento destes *grandes senhores*, nos quais não vimos o complexo de Édipo dar lugar ao seu herdeiro, o superego; abarcando normas e valores morais e culturais cumprindo a função de proteção.

Partindo da ideia de censura, consciência moral, Freud foi desenvolvendo ao longo da sua obra o conceito de superego e as suas funções. Segundo Laplanche (1967) Freud em uma carta a Flies (1897) evocou pela primeira vez o termo censura para exprimir o caráter de certos delírios. Em 1900 em *A interpretação dos sonhos*, desenvolveu este conceito para explicar os diferentes mecanismos de deformação dos sonhos. Em *Introdução ao narcisismo* (1914), Freud usou pela primeira vez o termo ideal do ego. E relatou que pela necessidade do homem de reprimir os instintos que entram em conflito com os valores culturais e morais, o instinto do ego se separa do instinto libidinal. O ego, na busca do eu ideal, para não perder o amor do outro, reprime os impulsos libidinais que entram em conflito com as ideias culturais e éticas do indivíduo. O objeto é absorvido pelo ego e investido de libido e ele é chamado de ideal do ego. É por amor ao seu ideal que o homem se submete às suas exigências.

No ideal do ego o indivíduo projeta no outro o que foi para ele o ideal – o paraíso perdido da infância no narcisismo primário, onde não há diferenciação entre o ego e id, onde o outro se faz ele – e a este ideal tenta conformar-se. Aqui Freud separou a instância crítica do ideal do ego. A instância crítica ou de censura é de auto-observação. Ela observa o ego real e o compara com o ideal. Só em 1923 que ele chamou a instância crítica de superego, tendo aí a função de juiz, abrangendo duas estruturas parciais: o ideal do ego e a instância crítica propriamente dita, não diferenciando a função de julgamento (instância crítica) do ideal. A mesma instância – superego ou ideal do ego – encarna a lei e proíbe a sua transgressão.

Em 1932, em *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, reaparece a distinção entre ideal do ego e superego, sendo o superego a consciência moral responsável pelo sentimento inconsciente de culpa e o ideal do ego o responsável pelo sentimento de inferioridade devido ao amor ao objeto idealizado. Mas ambos não deixam de ser herdeiros do complexo de Édipo. Depois de Freud, outros autores, como por exemplo Nunberg, Lagache e Lacan, diferenciaram ego ideal de ideal de ego relacionando o ego ideal ao amor narcísico, ao superego arcaico, a serviço da morte, e o ideal do ego ao amor ao outro ao superego protetor, guardião das leis e da ordem social (LAPLANCHE, 1967).

Chasseguet-Smirgel levantou em seu livro *O ideal do ego* (1992) um estudo deste conceito diferenciando-o do Superego e relacionando-o com o narcisismo. Para ela, é a partir do Ideal do Ego que o homem pode passar da busca da pura satisfação pulsional, resgatando a sua onipotência narcísica no objeto. E assim ela percorre alguns autores, como os que se seguem:

Nunberg (1932) definiu o ideal do ego como o objeto amado absorvido pelo ego e investido de libido, tornando-se assim uma parte do ego. Deste modo, é por amor ao seu ideal que o homem se submete ao ideal do ego e é por medo da punição que o homem se submete ao superego. O ideal do ego está relacionado aos objetos amados e o superego aos objetos odiados. Vemos aí uma aproximação da definição de ideal do ego de Freud de 1914 em *Introdução ao narcisismo*.

Jacobson (1946-1954) falou sobre a origem materna do ideal do ego, ligando as fantasias de incorporação do objeto gratificante ao desejo de restabelecer a unidade perdida. Segundo ela, a experiência de fusão física no prazer do ato sexual pode abrigar os sentimentos de felicidade pelo *retorno* à união original perdida com a mãe. Então, para ela, o ideal do ego primitivo está ligado ao desejo de fazer-se um com o objeto de amor. Por fim, Chasseguet-Smirgel conclui a sua ideia compartilhando com a ideia de Jacobson sobre a origem do ideal do ego, visto aqui como o superego protetor. Ela relatou: “É a prematuração humana que



fundamenta o conceito ideal do ego [...]. É à impotência primária da criança, pela explosão da fusão primitiva que ele deve a sua origem” (p. 29). É à proibição do incesto que faz com que a criança se pergunte o que faz do pai o objeto da mãe, para lá retornar, para depois poder deslocar o amor ao outro.

Ela enfatiza a importância da função materna de conduzir o filho a projetar o ideal do ego para além de si mesma, cuidando para que cada fase da vida não seja tão boa a ponto de a criança não querer ir para frente e nem tão ruim a ponto de ela querer voltar atrás. E cita Grunberge (apud CHASSEGUET-SMIRGEL, 1992): “Se o investimento narcísico da mãe for insuficiente, ela não permite ao ego alcançar sua integração” (p. 32). E conclui que o investimento narcísico que a mãe faz em seu filho está ligado aos cuidados e carícias que ela lhe proporciona, unificando assim seu ego corporal e psíquico, valorizando suas diversas funções. Ela conta que em certos mamíferos, o filhote de uma ninhada que não foi lambido pela mãe morre.

Esta ideia me fez lembrar que o senhor B curiosamente não mencionava a sua mãe em nenhuma sessão, e lembrei-me que nos contos de Sheakespeare e Kurosawa também não aparece a figura materna. Quando apontei ao senhor B que ele nunca havia se referido à mãe dele, ele disse que se sentia filho de mãe autista. Isto me fez pensar o quanto a falta do investimento narcísico da mãe impossibilita o retorno ao *paraíso perdido*. Como que a criança vai trocar o *eu quero ter o que o meu pai tem* com o *eu vou me identificar com o meu pai para assim retornar ao paraíso perdido*, para que assim eu possa deslocar o meu amor ao outro se não houve um *paraíso suficientemente bom* para a criança? A mãe que não pode fazer o investimento narcísico suficiente ao seu bebê, não possibilitou a ele a existência de um paraíso nem na memória inconsciente, nem na memória corporal, para que ele possa voltar a ele no momento da interdição.

Podemos conjecturar sobre o que ocorreu com o senhor B. Quando ele foi submetido a uma interdição, esta se deu de modo sádico, por exemplo: *Meu pai só me depreciava e quando viu que eu tinha uma namorada bonita tentou roubá-la assim como roubou as minhas empresas, ficou a seguinte mensagem: Você não pode ter o que eu tenho, mas eu devo ter o que você tem*. E o senhor B se identificou com este superego cruel. Ele é tão cruel com ele quanto o pai que ele relatou ter. Na sua melancolia, ele repete com ele mesmo as torturas que sofreu da figura parental.

E mais. Podemos também levantar a hipótese de que, se no momento da interdição ele tentou um retorno ao narcisismo primário, se deparou com uma mãe autista, com a falta de um olhar que o achasse belo. Pensei que também podia ser por esse motivo que eu sentia no meu encontro com ele que precisava me fazer presente mesmo no silêncio.

Talvez o que ocorra nesses casos é que o herdeiro do complexo de Édipo não é um superego protetor, e sim um superego cruel, sádico e destruidor. Um superego agressivo e punitivo, mais a serviço da morte do que da vida. O senhor B passa as suas sessões chorando um choro silencioso, lamentando o seu corpo, desfiando fracassos mesmo tendo conseguido montar outras empresas, tendo casado e tido dois filhos, e estado com uma namorada após a separação. Em um estado extremamente melancólico, ele reclama do que não fez, do que não teve. Suas palavras me faziam escutar um grande flagelo.

Relatarei aqui o trecho de uma sessão em que podemos ver este estado, quando ele se queixava pelos planos de morar com a sua namorada terem sido adiados. Ao mesmo tempo em que chorava ele dizia: *Eu não consigo ficar sozinho, eu fico desesperado... Eu me sinto tão fracassado...*

*M: Onde está aquele B que fez aerodelismos, que toda a empresa que monta dá certo, que é curioso, que quando criança montava e desmontava os caminhões que ganhava, que brincava de pipa?*

*B: Eu não sei, mas os aerodelismos são só uma brincadeira, as empresas eu tenho que fazer dar certo porque senão eu morro de fome.*

*M: Sim, mas dá certo, porque você deprecia tudo isso?*

*B: Eu sempre me senti feio, gordo, desengonçado. Sabe quando eu tinha lá por volta dos 14 anos, eu fui em um bailinho e tinha uma menina que era prima de um amigo meu. Ela era lindinha. Aí eu dançava com ela, ela me aceitava e todo o bailinho que eu ia eu ficava com ela. Um dia eu comecei a usar óculos, estava na minha casa e esse meu amigo ligou dizendo que a prima dele estava lá e queria falar comigo. Eu fiquei tão feliz, aí corri para o telefone para falar com ela e imediatamente eu tirei os óculos. Eu ainda não tinha contado para ela que usava óculos e eu me achava horrível com eles. É assim que eu era.*

*B chora muito e diz: Nada do que eu faço adianta; eu sinto que falta alguma coisa...*

*M: O que falta?*

*B: Faltou o meu casamento ter dado certo ou ter dado certo com a A, faltou eu não ter que dar as minhas empresas para o meu pai e o meu irmão..*

*M: Eu achei que você ia falar outra coisa.*

*B: É, o que?*



M: *Que o que faltou foi o olhar de admiração de uma mulher.*

B: *Era o que eu ia falar mesmo, mas eu fiquei com vergonha.*

ETC...

Voltando ao tema deste trabalho, *O ideal do ego e as paixões*, lembro Green (1988) quando afirmou que a intensidade da paixão e sua ligação com o objeto apresentam suas raízes na sexualidade infantil.

Concluindo: a possibilidade de um superego protetor, ou de um ideal do ego segundo Chasseguet-Smirgel (1992), depende dos destinos do narcisismo primário. Isto é, da possibilidade do narcisismo primário se transformar em amor próprio, e isto depende da experiência do sujeito de ter sido suficientemente amado pelo objeto primário. Portanto, a formação do superego e do ideal do ego está intimamente ligada ao investimento narcísico. É o *combustível* da mãe que permite ao bebê ir em direção ao outro, ao mundo, porque se não for assim, o mundo é visto por ele como aterrorizante.

Lembrei-me de um paciente que me disse em determinada sessão que estava muito triste porque se sentia em um estado de apaixonamento (sic), mas era uma paixão que saía de dentro dele sem encontrar um anteparo que pudesse fazê-la retornar. Não, ao invés disso, era uma paixão que ia para o espaço perdendo-se no infinito.

Mas Narciso era belo? [...] eu amava Narciso porque, quando ele se deitava em minhas margens e olhava para mim, no espelho de seus olhos eu sempre via a minha própria beleza refletida.

## The Ideal of the Ego and the Passions

**Abstract:** This work has for objectives to show the relation between the narcissism, the superego dating back to the origin and the different ways that the narcissism could take and how these ways determine the formation of a protective or hard superego. Starting to the way followed by Freud to explain the concept of the superego on this way, this work is using some authors post Freudians, for example: Chasseguet Smirguel. For that I use a little bit of Mister B history that I listened in the analysis sessions.

**Keywords:** Ego Ideal. Narcissism. Superego.



## Referências

CHASSEGUET-SMIRGUEL, J. **O ideal do ego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da literatura portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

FREUD, S. (1923). O eu e o id (1923-1925). **Obras Completas**. v. 16. São Paulo. Companhia das Letras.

GREEN, A. As paixões e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. **Sobre a loucura pessoal**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

PICKLES. S. **A linguagem do amor**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Victor Lourenço

---

Marília Amaro da Silveira Modesto Santos

Rua José R. Athayde Marcondes, 146

05622-030 São Paulo – SP – Brasil

e-mail: mariliaasm@uol.com.br